

PSICODÉLICA

Fritz Hensey

nesságuameiga

voam algas e serpentes
flores e lembranças
vibração

oh pont-des-soupirs de notre haleine
frágil ponte e sonora de suspiros
ó doces pétalas ó corolas

ó redondo da tua boca
resposta muda que não tem
pergunta nenhuma

texas

setembro de 1973

PARA FICAR

uma hora seria
da manhã, hora e meia

a taverna, um canto escondido
atrás dum biombo de madeira
completamente só, sem nós,
ficava o lugar, apenas
uma lâmpada acêsa

não nos olhava ninguém
nenhuma providência
pela emoção
tomada
nossa roupa (era pouca)
quase aberta (ardia
o divino mês de julho)

prazer carnal entre
a roupa meio aberta
a carne rapidamente nua

cuja imagem
atravessou vinte e seis anos
para ficar no meio
dêste poema

Konstantínos Kaváfis,
versão portuguesa de f. h.

Paulo Fernandes

Se Lobisomen existe? — Vou-lhe contar. Eu era pouco mais que guri nesse tempo. A gente saía com a barra do dia e campereava de sol a sol. Sabe que parar rodeio com o sol na cabeça meio que endoidece a gente. Antes é agradável, o sereno, o sol vermelho, a estrela Dalva. Aos poucos começa a esquentar, o chapéu de palha pega fogo. O sol vai possuindo a gente, entra por dentro da roupa, envolve. Ninguém fala, se ouve o zumbido das moscas que acompanham o gado. Ao meio dia a gente carrega nas ventas um bafo quente, misturado com o sangue das feridas do gado, cheiro de pelo, esterco. À tarde a gente vai levado pelo cansaço.

Chegamos de volta ao escurecer e mal tiramos os arreios dos animais, largamos um balde d'água no lombo para refrescar do longo trote e ficamos um tempo vendo-os se reboqueando na terra. Dá gosto, é assim que cavalo se espreguiça, rola na terra, gemem e depois vão pastar. Alguém veio com uma lata d'água que a gente bebeu em canecas, depois recebemos comida quente. Camperear dá muita fome. A seguir pitamos palheiro e veio o sono. Os homens foram arrumar as camas de pelegos, o serigote de travesseiro, deitaram espalhados dentro do galpão. Eu fiquei, sentia até então calor que me queimava todo o corpo, parecia que o sol me entrara pela cabeça e se dispersava aos poucos. Fui até a cisterna, puxei água fresca e derramei na cabeça, depois bebi duas ou três canecas. Quedei-me sonolento mirando a tinta da noite. As vagalumes semelhavam chispas que caíam das estrelas do céu. Ai meu Deus! Enquanto eu fitava as luzinhas fugidias, uma toiceira de alecrins foi tomando a forma de um bicho preto. Sem demora vi que não era animal conhecido. Grande, peludo, gingava em quatro patas. Foi o terror! Os cavalos pastando no escuro, escaramuçavam num lugar só, pateavam a grama relinchando. A cachorrada não acoava, com a cauda entre as pernas uivava e se rolava no chão. Puro medo! Tentei correr até o galpão mas não pude me mexer. Fiquei vidrado, estático, enquanto o bicho se chegava. Fechei os olhos mas senti a presença do malefício. Senti frio, muito frio. Sem ver nada mas pressentindo tudo, me abandonei. As folhas dos cinamomos se agitavam, fui sacudido, jogado, sem força nem vontade. Acordei manhãzinha, as caturritas verdes brincavam de alarido.

A OUTRA FACE

José Eduardo Degrazia

Muitos falavam da moça, que era perdida, roubara até, mas o que ninguém sabia é que era afilhada de Nossa Senhora. E quando de noite chegava, cansada, de corpo batido e alma perdida, ajoelhava diante da imagem de sua Madrinha e conversava, porque rezar já não lembrava.

As vezes, esquecia sua vida atual e se abismava nos seus desejos de criança. Lembrava uns sapatos que vira, muitos anos atrás, numa vitrina; um vestido branco qualquer, esquecido no tempo e que cobiçava agora mais do que nunca.

Não se preocupava por ver seus desejos nunca satisfeitos: "As afilhadas são tantas — pensava ela — que era impossível lembrar-se de todas".

Mas às vezes vinha uma nostalgia de um tempo em que sonhara com um namorado, que nunca viera, e ela se desesperava.

Então, se agarrava à imagem da Santa, esperando um milagre, que também nunca vinha; e ela acabava saindo à rua, para conseguir dinheiro da maneira que sabia.